

**A propósito de Pedro Karczmarczyk (coord.). *Incursiones althusserianas: sobredeterminación, ideología e interpelación*. La Plata, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación - Universidad Nacional de La Plata, 2016.**

**Alexandre Marinho Pimenta<sup>1</sup>**

Fruto de recentes seminários de graduação e pós-graduação na Universidade Nacional de La Plata, o livro *Incursiones althusserianas* oferece ao leitor múltiplas entradas à obra de Louis Althusser. Sobredeterminação, ideologia e interpelação, como anuncia o subtítulo, são alguns dos temas trabalhados nos seis artigos que o compõem. No entanto, encontramos também discussões sobre ciência, filosofia, psicanálise, dialética, Estado, luta de classes, práticas, dentre outros tantos objetos de preocupação do filósofo comunista. A coordenação desta diversa obra ficou por conta do professor Pedro Karczmarczyk, que já se constituiu como uma das principais referências dos estudos althusserianos na América Latina.

Segundo o próprio Karczmarczyk, no prólogo do livro, estaríamos vivenciando hoje um renascimento ou mesmo um recomeço desses estudos. As razões seriam várias. Um delas, de suma importância, tem sido a publicação póstuma de textos até então inéditos do agora centenário franco-argelino. Apenas em 2018, importante ressaltar, a Presses Universitaires de France publicou dois livros novos, que incluem textos das décadas 1960, 1970 e 1980: *Écrits sur l'histoire* e *Que faire?*. Na mesma direção, vê-se uma consolidação, em diversos países, desses estudos, com revistas, pesquisas, publicações e encontros acadêmicos. Por fim, há de se ratificar a presença mais ou menos virtual do último Althusser nas formulações teóricas contemporâneas, sobretudo no pensamento político pós-fundacional e pós-marxista —o que, indiretamente, obriga-nos a retornar, para o diálogo ou o confronto, a certas categorias althusserianas e suas tensões imanentes.

Esse recomeço, nota de certa forma Karczmarczyk, está ainda em aberto e imprevisto. Aliás, o curioso caminho ao qual nos dirige as *incursiones* do livro é o de pensar um "marxismo depois do pós-marxismo"<sup>2</sup>. Seria isso o que se é exigido na dramática conjuntura do capitalismo global pós-crise e sua atual "grande regressão"<sup>3</sup> política? Seria o Althusser mais estruturalista-marxista que teria mais

---

<sup>1</sup> Mestre em sociologia pela Universidade de Brasília (Brasil).

<sup>2</sup> Karczmarczyk, Pedro (Coord.). *Incursiones althusserianas: Sobredeterminación, ideología e interpelación*. La Plata: Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 2016, p. 11.

<sup>3</sup> Geiselberger, Heinrich (Ed.). *The Great Regression*. Cambridge: Polity Press, 2017. A Grande Regressão, uma analogia à Grande Recessão, vivenciada no sistema econômico

a dizer (ou melhor, teria mais efeitos a gerar) em nossa conjuntura? Ao longo dos capítulos da obra, somos tentados a dizer, no mínimo, que esse caminho escolhido se sustenta para além de um exercício estéril e dogmático.

O primeiro artigo, *Exhumando la diferencia negada, Althusser y la sobredeterminación como especificidad de la dialéctica marxista*, de Alejandro Daniel Antón, debruça-se, acompanhando Althusser, sobre o conceito de sobredeterminação enquanto característico da problemática marxista. Para isso, é preciso acompanhar a operação althusseriana de desarticulação da leitura analítico-teleológica e da hipótese de continuidade em relação a Marx. Sobretudo, ressignificar a tal inversão da dialética hegeliana, demonstrando que o mais preciso seria falar de uma extração do núcleo idealista concomitante a uma transformação desta dialética em si. Antón apresenta os principais pontos da leitura althusseriana da dialética de Hegel sobre a história, que, no fundamental, apresenta um princípio de unidade simples, oposta à "análise concreta da situação concreta", a alma do marxismo, segundo Lenin. Para atingir tal dimensão, a teoria marxista é constitutiva de outra noção de contradição, portanto outra dialética que suporte uma pluralidade de contradições com dominante em um todo social complexo já articulado enquanto tal.

María Paula Viglione aprofunda e detalha essa análise sobre as diferenças entre as duas dialéticas no segundo artigo, *En torno a la diferencia entre la dialéctica hegeliana y la dialéctica marxista según Louis Althusser*. Após situar historicamente o gesto althusseriano, Viglione resgata as reflexões sobre a leitura sintomal, que nos possibilita ler o ilegível de um discurso, espécie de pressuposto para compreender não só a relação de Marx com as teorias e autores dos quais foram objetos de seu estudo, como também o retorno à novidade teórica desse autor, realizada por Althusser. Tal leitura, inclusive, desde o início se diferencia do dispositivo hegeliano de leitura literal-hermenêutica. Em seguida, a autora foca nas três noções que a seu ver seriam fundamentais na distinção althusseriana entre as duas dialéticas: o processo de conhecimento, a concepção de unidade-totalidade e a contradição. Na primeira dimensão, a dialética marxista não compartilha da concepção empirista de conhecimento, pano de fundo tanto de Hegel quanto da "inversão" de Feuerbach, na qual há a identificação entre o ser e o pensamento, ou, na linguagem de Marx, o concreto pensado e o concreto real. A concepção de conhecimento de Marx é de uma produção a partir do material ideológico dado. Na segunda dimensão, a dialética hegeliana é marcada por uma unidade e uma origem simples, nas quais a pluralidade aparece apenas como expressão de uma essência

---

mundial na virada dos anos 2000 e 2010, é o título de um projeto coletivo e obra de mesmo nome lançada na Alemanha em 2017. Organizado e prefaciado por Heinrich Geiselberger, inclui também intervenções de Nancy Fraser, Bruno Latour, Wolfgang Streeck, Slavoj Žižek e outros grandes nomes do pensamento contemporâneo. O que reúne tais perspectivas é a análise dos riscos e das atuais consequências da globalização e do neoliberalismo, nas quais está a recente guinada autoritária e nacionalista do capitalismo que percorre inúmeros países.

já posta; enquanto a marxista compreende a articulação complexa de instâncias/estruturas com dominância e autonomias relativas. Na última dimensão, a autora faz uma interessante incursão na psicanálise e no pensamento de Mao Tsé-Tung como elaborações caras a Althusser e que contribuem para notar, na problemática marxista, as características das contradições em um todo complexo.

*Práctica teórica e intervención en la lucha ideológico-política*, de Felipe Pereyra Rozas, é o terceiro artigo do livro. O objeto de Rozas são as transformações no pensamento de Althusser a partir da noção de prática teórica. Analisa, assim, a fase "teoricista" e posterior autocrítica. Seguindo a concepção de conhecimento como produção, Althusser inicialmente define a prática teórica como uma prática de alto grau de autonomia. Depois, o filósofo destaca que a ruptura iniciada por Marx foi uma dupla ruptura, teórica e política, em uma determinada conjuntura. E como Balibar afirmava, essas duas dimensões possuem uma fidelidade: "a mudança de ponto de vista de classe realiza-se numa mudança de objeto de estudo, numa mudança de terreno teórico; a mudança de objeto realiza-se numa mudança de ponto de vista (teórico) de classe"<sup>4</sup>. Essa mutação de abordagem impactará o próprio conceito de filosofia de Althusser: de teoria da prática teórica para luta de classes na teoria.

Blas Estévez escreve o próximo artigo, *Práctica económica y práctica ideológica: posible articulación en algunos principios teóricos del sistema educativo nacional*. Trata-se de um texto fruto de uma pesquisa empírica sobre o aparelho ideológico de estado escolar na Argentina. Como se articulam, em um todo complexo, a prática econômica e a prática ideológica na reprodução das relações de produção capitalista? Estévez faz uma competente digressão teórica buscando situar o status do econômico nessa complexidade a partir de Althusser, assim como do efeito próprio da prática ideológica na reprodução social. Depois, busca identificar, mais concretamente, os mecanismos de reconhecimento/desconhecimento nas bases teóricas do sistema educacional argentino. Nos documentos analisados, o autor destaca a ausência de espaço para reflexão sobre o funcionamento do capitalismo, entendido (ideologicamente) como dado, como evidência na qual se deve adaptar o estudante e futuro agente da produção. No entanto, não chega e citar a grande, mas infelizmente pouco estudada, pesquisa empírica sobre o aparelho ideológico escolar feita pelo grupo althusseriano, quer seja, *L'école capitaliste en France*, de Christian Baudelot e Roger Establet<sup>5</sup>. Neste último, há uma interessante crítica à ideologia de um sistema educacional uno e contínuo que certamente enriqueceria as descobertas de Estévez.

*Elogio al fracaso. Perspectivas políticas para el proceso de subjetivación en Althusser y Lacan* é o título do interessante artigo de Luis Fernando Butierrez. Este

---

<sup>4</sup> Balibar, Étienne. *Cinco estudos do materialismo histórico*. v. II. Lisboa, Editorial Presença, 1975, p. 15.

<sup>5</sup> Baudelot, Christian; Establet, Roger. *La escuela capitalista*. 10. ed. México, Siglo XXI, 1987.

se inicia com a retomada das teses althusserianas sobre o processo de subjetivação que circula a operação de interpelação ideológica. E, ao se deparar com a dimensão imaginária presente na unidade especular de indivíduos que advêm sujeitos sujeitados/reconhecidos por um Sujeito, o autor se debruça, então, na leitura lacaniana do estágio do espelho e certas formulações sobre o simbólico. Em ambos os casos, registram-se fissuras nos referidos processos de subjetivação mediadas pelo outro/social. Será através de Pêcheux e Karczmarczyk, enfim, ao autor articulará perspectivas políticas e de agenciamento a partir dos fracassos na constituição completa do sujeito achados nas teorias anteriores. Sustentando-se numa guinada linguística-psicanalística da interpelação ideológica, o autor procura pontos nos quais uma política emancipatória poderia se sustentar. Todavia, o artigo não avança com mais detalhes nesse ponto, e deixa certas indagações ao leitor: como se articularia a dimensão mais geral da luta de classes, inclusive e sobretudo a econômica, e as disputas na/de linguagem nos meandros da subjetivação? A luta política não seria, de certa forma, a disputa entre e nos Sujeitos e aparelhos no recrutamento de indivíduos para a criação e reprodução de outras relações de produção-dominação-assujeitamento? Ou a intenção seja sim desativar a própria forma de vida na qual haja o desconhecimento das bases da interpelação ideológica e das ilusões da linguagem? Estas questões, parece-nos, apontam inclusive para problemas fundamentais da luta política-ideológica na atual conjuntura. No Brasil, por exemplo, Vladimir Safatle<sup>6</sup> tem estimulado uma instigante discussão que poderíamos chamar de elogio do desamparo do sujeito, cujo nome mais preciso seria, para o autor, proletariado. E, sob esse sujeito radicalmente desamparado e que se descobre e se afirma enquanto negação pura, viria uma política emancipatória. Isso porque, assim, desativaríamos as demandas por tutela e amparo via identidades e grupos particularistas (seja à direita ou à esquerda). Seria mesmo por essa negatividade que superaríamos os limites do último fracasso da esquerda e dos avanços da direita? Como, de forma pragmática e sob uma conjuntura, efetivamos tal posicionamento? Seria, por fim, uma posição justa? Deixemos em aberto tal polêmica, não só pela incapacidade de gerar aqui um veredito, mas também, por ser o materialismo o avesso das grandes certezas, como poderia dizer Althusser.

Aliás, é o próprio livro que se encerra em uma polêmica teórica e política contemporânea. *Žižek, crítico de Althusser*, eis o título do artigo de Luisina Bolla, que retorna ao famoso *Sublime objeto da ideologia* do filósofo esloveno para avaliar suas críticas em relação à teoria althusseriana. Segundo essa obra, Althusser operaria com uma simplista concepção de interpelação ideológica, sobretudo em sua dinâmica "interior". Essa limitação poderia ser criticada a partir de uma leitura de Kafka, mais propriamente de sua obra *O Castelo*. A estratégia de Bolla é perspicaz. Primeiro percorre, junto com o filósofo esloveno a análise deste que é alvo de admiração dos dois lados da polêmica: Pascal. Várias formulações deste

---

<sup>6</sup> Safatle, Vladimir. *Só mais um esforço*. São Paulo, Três estrelas, 2017.

filósofo enriquecem e iluminam a própria leitura da teoria da ideologia de Althusser, esforço, no entanto, pouco comum nos estudos do franco-argelino. Depois, a autora aceita a sugestão de Žižek de reler *O Castelo*, mas sob uma possível perspectiva althusseriana. Em seguida, retorna à leitura da psicanálise feita por Althusser, na qual se oferece uma visão mais completa e complexa do processo de interpelação, leitura esta ignorada pelo esloveno. Ao fim, é possível identificar as inconsistências da investida de Žižek.